

Finanças

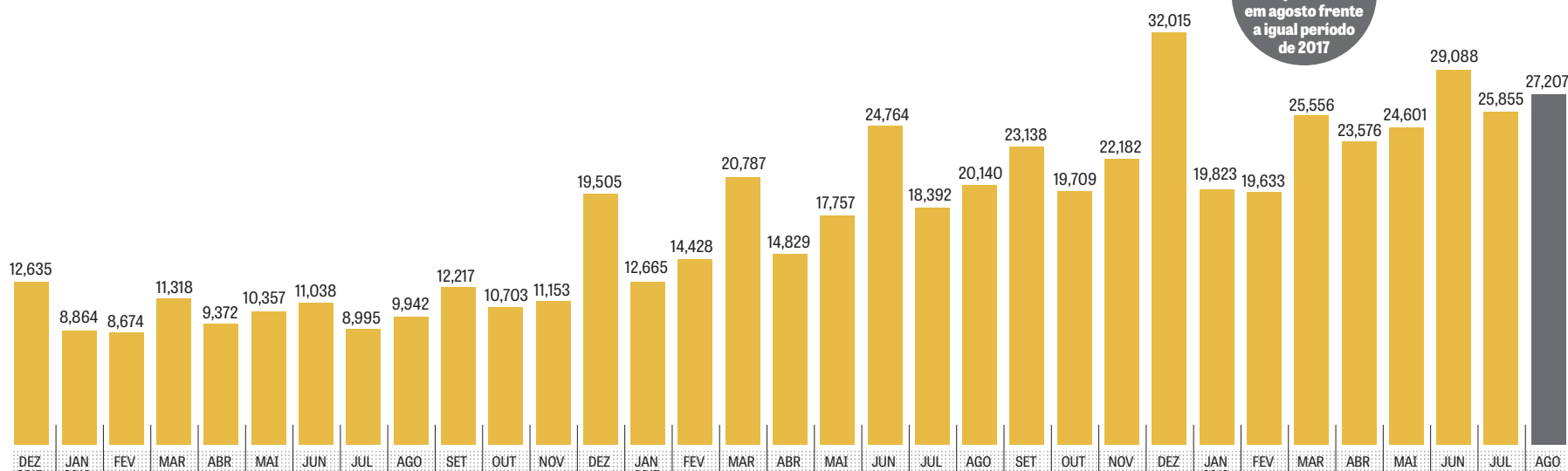
A ideia é de que, mais confiável e com maiores garantias, a modalidade reduza custo operacional e juros cobrados, além de facilitar os empréstimos, principalmente aos pequenos empresários

Nova duplicata eletrônica pode trazer crescimento de 25% nas concessões

MELHORA DE CENÁRIO

Concessões para antecipação de duplicatas e recebíveis ▶ Em bilhões de R\$

Os empréstimos da modalidade avançaram 35% em agosto frente a igual período de 2017



FONTE: BANCO CENTRAL

MERCADO

Isabela Bolzani
São Paulo

isabela.bolzani@dc.com.br

● **A nova duplicata eletrônica pode trazer um aumento de 25% nas concessões de crédito até 2019. O crescimento, porém, dependerá da recuperação da economia e do andamento das reformas. Os juros, por sua vez, devem ter apenas uma redução marginal.**

O Senado aprovou, na última quarta-feira (17) o projeto que regulamenta a emissão das duplicatas eletrônicas. O texto segue, agora, no aguardo da sanção presidencial.

Apesar das grandes expectativas do relator do projeto, o senador Armando Monteiro (PTB-PE) de que haverá não somente um forte aumento nas concessões, mas maior acesso ao crédito, menor custo operacional e redução dos

juros cobrados, especialistas afirmam que é o cenário brasileiro que trará ou não o crescimento da modalidade.

“Acredito que no curto prazo vejamos o projeto sancionado pelo presidente e, já no primeiro semestre de 2019, saiam os primeiros direcionamentos da regulamentação”, afirma o professor da Saint Paul Escola de Negócios, Maurício Godoi.

Os especialistas reiteram que enxergam um potencial de crescimento nas concessões de 25%, mas que passam tanto pelo entendimento das instituições financeiras da operacionalização e da questão jurídica do projeto, como também da recuperação da economia.

“É um avanço plausível, mas passa por uma estabilidade econômica de longo prazo. Dessa alta de 25% nas operações, acredito que a maioria vem por um cenário mais benigno do que por causa da duplicata em si”, complementa o professor de finanças do Insti-

tuto Brasileiro de Mercado de Capitais (Ibmec), Wellington Lopes de Souza.

Os últimos dados do Banco Central já apontam um avanço significativo de 35% nos descontos de duplicatas de agosto de 2017, de R\$ 20,140 bilhões para um total de R\$ 27,207 bilhões.

Ao mesmo tempo, os especialistas entrevistados pelo DCI ponderam que outra forma de aumentar o volume de crédito cedido na modalidade seria que, ao tornar o processo eletrônico e, consequentemente mais confiável e garantido, os pequenos empresários conseguiriam acesso ao recurso com maior facilidade.

“A partir do momento em que a duplicata passa a ser um instrumento mais acreditado, ela passará a ser considerada nos processos de concessão de crédito, por exemplo”, diz o CEO da Central de Registros de Direitos Creditórios (CRDC), Fernando Kalleder.

“Assim, empresas, que hoje não possuem balanços robustos o suficiente, ficarão mais valorizadas e, consequentemente, poderão entrar no mercado e acessar mais recursos. A duplicata sozinha não gira toda a economia, mas supre uma das principais carências da pequena empresa sobre fluxo no curto prazo”, acrescenta.

Outro ponto de importância para companhias de pequeno porte, segundo o consultor jurídico da Associação Nacional dos Participantes em Fundos de Investimentos em Direitos Creditórios (Anfidc) Rubens de Camargo Vidigal Neto, é a anulação da cláusula de grandes sacados que impossibilitam que seus fornecedores cedam as duplicatas a terceiros.

“Isso tira a restrição que o sacado coloca a seus fornecedores os quais, limitados, por contrato, não conseguem acesso ao maior crédito que têm”, explica o consultor da Anfidc.

“Isso é bastante positivo e,

no geral, somado às novas tecnologias e à maior garantia, pode trazer redução no custo do empréstimo”, completa.

‘Queda marginal’

No quesito juros, no entanto, os posicionamentos dos especialistas divergem. Enquanto os executivos da CRDC e da Anfidc apostam em uma queda nas taxas cobradas, os professores ponderam retrações “bastante marginais”.

Segundo o BC, a queda em agosto ante igual mês de 2017, é de 5,8 pontos percentuais, de 23,9% ao ano para 18,1% a.a..

“Melhoraríamos a avaliação de crédito. Mas, mesmo que haja uma redução nas taxas de juros, ela será muito sensível e marginal”, comenta Godoi.

“Tudo depende do cenário econômico brasileiro porque só crescimento e confiança trarão decisões de consumo e investimentos. Isso, porém, só ficará mais claro no segundo trimestre de 2019”, conclui.

Avança busca do consumidor por empréstimos

INDICADORES

Mônica Baptistella
São Paulo

monicabaptistella@dc.com.br

● **A demanda do consumidor por crédito cresceu 1,9% em setembro ante agosto, segundo a Boa Vista Serviço de Proteção ao Crédito (SCPC). Na comparação com o mesmo período do ano passado, houve aumento de 6,5%. Em 12 meses, a demanda cresceu 2,3%.**

De acordo com o economista da Boa Vista SCPC, Flávio Calife, o resultado do último mês reflete uma tímida melhora do mercado de trabalho. “A demanda por crédito já vem melhorando nos últimos meses, e teve um

impulso em setembro com ligeira melhora do mercado, além um ajuste sobre o mês de agosto, que ainda sentiu os impactos da greve dos caminhoneiros”, explica ao DCI.

Considerando os segmentos que compõem o indicador, o financeiro apresentou aumento de 0,3% em setembro na relação com agosto último. O setor não financeiro teve crescimento de 3,0% na mesma base de comparação.

“O segmento não financeiro, composto principalmente pelos varejistas, apresentou uma melhora pontual em setembro. Mas, no acumulado do ano, ainda registra números negativos. Quem está puxando a demanda para cima é o crédito financeiro, de bancos e financeiras”, afirma o economista.

Ainda segundo Flávio, apesar de os resultados de setembro sinalizarem uma tendência positiva do indicador, a lenta retomada da economia e fragilidade na criação de vagas no País continuam contribuindo para uma fraqueza do consumo e, consequentemente, da demanda por crédito.

“A demanda deve continuar crescendo como vimos durante o ano, assim como a confiança do consumidor, e tende a se beneficiar com uma possível melhora no mercado de trabalho no final do ano e com o fim do processo eleitoral, que deve trazer maior estabilidade para o consumo. Porém, um aumento significativo só deve ocorrer quando o mercado de trabalho realmente melhorar”, conclui.

Chineses têm o perfil de crédito mais forte entre Brics

BANCOS

● **Entre os países emergentes que formam o bloco Brics – Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul – os bancos chineses têm o perfil de crédito mais forte, afirma a Moody's em um relatório publicado ontem. Já os bancos russos têm o perfil mais fraco do grupo.**

Segundo o documento Banks - Brazil, Russia, India, China, South Africa (Brics), os bancos da China têm a maior média ponderada de ativos com avaliação de perfil de risco de crédito individual (BCA, em inglês) baa2, em boa parte graças ao domínio de grandes bancos do gover-

no. Por outro lado, os bancos russos têm o menor BCA ajustado, ba3, devido a sua relativa fraqueza na qualidade de ativos, liquidez e rentabilidade.

“O ambiente operacional para os bancos nos países dos Brics é favorável de um modo geral”, afirma Yaroslav Sovgyra, Associate Managing Director na Moody's, por meio de nota enviada à imprensa.

De acordo com o relatório da agência de classificação de risco, os bancos sul-africanos, juntamente com os brasileiros, são também os mais rentáveis. Entre os fatores desse rentabilidade, no caso do Brasil, essa rentabilidade é apoiada pela retomada do crescimento do crédito. /Agências